

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A *MA'AT*
N'AS LAMENTAÇÕES DE *KHA-KHEPER-RÉ-SENEB*

Victor Braga Gurgel

Mestrando em História – Universidade Federal da Paraíba

victorbragagurgel@yahoo.com.br

RESUMO: O Egito faraônico do Reino Médio foi considerado pelos próprios egípcios e pela egiptologia como uma “época áurea”, se fundamentando sob aspectos identitários que se constituíram como uma resposta aos elementos que geraram a crise do Primeiro Período Intermediário. Também no Reino Médio surgiu aquilo que se convencionou chamar de *belles lettres* egípcias. Sendo no Reino Antigo *ma'at* considerada a vontade do rei, inseparável deste, após a crise da monarquia no Primeiro Período Intermediário aparecem os chamados “discursos de *ma'at*” nos textos literários clássicos egípcios, a partir do Reino Médio. *As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb*, um desses textos literários canonizados do período, tem datação provável na XII Dinastia (1991 – 1783 a.C.), estando conservado no Museu Britânico em uma tabuinha designada como BM EA 5645. O texto constitui-se em uma introspecção do sacerdote de Heliópolis *Kha-Kheper-Ré-Seneb*, com o seu coração (*ib*). Em um dos trechos, ele profere discursos sobre a iniquidade, cobiça, egoísmo, rebelião, injustiça, presentes na sociedade ao seu redor – ou seja, elementos totalmente opostos à ideia egípcia de *ma'at* – ordem, justiça, verdade, e demais elementos associados à solidariedade social. Neste sentido, buscamos compreender como este texto contribuiu na perpetuação de uma memória cultural egípcia em relação aos elementos condensados na noção de *ma'at*, ligados à solidariedade social: a fala, a ação e a justiça/verdade. Após a crise do Primeiro Período Intermediário, houve a necessidade de tornar *ma'at* um objeto de comunicação, justamente pela já referida fragmentação do poder monárquico, a quem ela era inerente. Neste sentido, estamos em sintonia com Jan Assmann ao afirmar que a repetição, seguida da textualização e da canonização, são fundamentais para implementar uma informação na memória cultural de um povo. Considerando que o texto *As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb* foi canonizado pela civilização egípcia, e que, em seu conteúdo, expõe e critica o desequilíbrio social como *status quo*, realizaremos uma análise de conteúdo de caráter qualitativo buscando os “discursos sobre a *ma'at*”. Também iremos nos concentrar nos elementos *a contrario* a ela, uma vez que, por constituírem oposição, acabam fazendo referências implícitas. Por *discurso*, concordamos com Jan Assmann ao defini-los como um conjunto de textos reveladores de um “universo discursivo” comum, ou seja, reveladores de tradições orais e escritas. Ao fazê-lo, pretendemos compreender como a elite letrada egípcia pensou e difundiu a noção de *ma'at* no Egito do Reino Médio, após a fragmentação monárquica do Primeiro Período Intermediário.

Palavras-chave: Literatura Egípcia; Reino Médio; Memória Cultural.

INTRODUÇÃO

*As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb*¹ é um texto literário egípcio tradicionalmente datado no Reino Médio. Ao contrário da literatura egípcia do período, este texto fala do presente (OCKINGA, 1983, p. 91). É o primeiro registro escrito de um homem que, no começo do II milênio antes de Cristo, exclamou que não seria possível inovar a partir do estilo tradicional, demandando para tanto um estilo diferente (CHAPPAZ, 1979, p. 12). Por tais razões, é considerado uma obra-prima do pensamento egípcio.

É válido salientar não ser nosso objetivo aqui discutir a validade do emprego do termo **literatura** para o Egito Antigo². Nosso entendimento de **literário** abarca aqueles textos que possuem uma elegância estética, independentemente da natureza da informação que transmitem (LOPRIENO, 1996, p. 42). Como tal, possuem importância como fontes históricas *primárias*, uma vez que nos permitem acessar o pensamento egípcio, apesar do acordo de ficcionalidade existente entre o escriba e o público (MORENZ, 2003, p. 103 – 104).

O texto constitui-se em um monólogo de Kha-Kheper-Ré-Seneb, sacerdote de Heliópolis (Iunu), com o seu coração (*ib*), ou melhor, consigo próprio, ou com sua consciência, acerca da subversão em que se encontra o Egito de seu tempo, que trocou *ma'at* por *isefet*³. Ao lamentar a repetição presente nas tradições egípcias, principalmente na tradição escrita, busca realizar um trabalho inovador, e lamenta a sua incapacidade para tanto. Falando com o seu coração (*ib*), busca o seu apoio para tentar superar os tempos catastróficos em que vive, uma vez que não encontra solidariedade entre os

¹ A única cópia que chegou até a contemporaneidade está escrita em hierático, e foi achada por acaso por Alan H. Gardiner no Museu Britânico (GARDINER, 1969, p. 95 – 112), onde ainda se encontra, sob a designação BM EA 5645. Se trata de uma tabuinha de madeira, coberta de estuque dos dois lados, medindo 55 cm de comprimento, 29 cm de altura e 5 mm de espessura (KADISH, 1973, plt. XXXII e XXXIII). A partir de características filológicas específicas, e do nome “Kha-Kheper-Ré” (A Forma de Ré Brilha), *prenomen* do faraó Senusret II da XII Dinastia, o texto é datado no final da XII Dinastia ou princípio da seguinte (KADISH, 1973, p. 89; VERNUS, 1990, p. 188 – 189; BARBOTIN, 2012, p. 1; CANHÃO, 2014, p. 748). A tradução para o português em que nos baseamos é a de Telo Ferreira Canhão, cf. CANHÃO, 2013, p. 169 – 172; CANHÃO, 2014, p. 755 – 770.

² Vide GUMBRECTH, 1996, p. 3 – 21.

³ Estes conceitos serão brevemente explanados em outro momento deste estudo.

egípcios. Canhão (2014, p. 750) acredita que o seu segundo nome, “Aquele que Vive”, Ankhu (anxw), denota o seu sucesso nesta empreitada. Boa parte do texto dedica-se a descrever o caos em que se encontrava o Egito na época deste sacerdote.

É válido salientar que, ao criticar a repetição, Kha-Kheper-Ré-Seneb constantemente aborda em seu texto o tema da falta de solidariedade social através da fala, sendo o silêncio dos egípcios frente à situação caótica em que o Egito se encontrava uma das causas para a manutenção deste *status quo*.

Neste sentido, elegemos a *memória cultural* (ASSMANN, 1995, 2008, 2011) como lineamento teórico, uma vez que tal conceito nos permite compreender como a repetição de um determinado fator ou informação é capaz de inculca-la não só na memória social, mas na memória cultural, cristalizada, de um povo (ASSMANN, 1989, p. 27). Assim, uma vez que o Primeiro Período Intermediário trouxe consigo uma quebra na tradição faraônica, seu restabelecimento gerou a necessidade de recuperá-la. Para tanto os saberes que um grupo deseja cristalizar na memória cultural – no caso em análise, como os egípcios deveriam ou não agir tendo em vista a manutenção da *ma'at* – devem ser constantemente repetidos, de uma maneira institucionalizada (ASSMANN, 2008, p. 97).

As lamentações do sacerdote em análise, por terem se tornado um texto clássico egípcio, cumpriram bem esta função. Estando carregadas de elementos negativos, se tornam uma excelente fonte para compreendermos o pensamento egípcio acerca da *ma'at*, parte essencial do *ethos* egípcio radicalmente contrário a tais aspectos negativos. Considerando que *ma'at* era intrínseca à instituição faraônica, legitimadora em última instância desta, e que o chamado Primeiro Período Intermediário, época imediatamente anterior ao Reino Médio – quando foi cunhado o texto – se caracterizou por uma fragmentação do antes centralizado poder faraônico, tal constitui-se em excelente fonte do pensamento egípcio acerca dos “discursos sobre a *ma'at*”⁴. Neste sentido, e também levando em conta que se considera que o texto completo não chegou até nós (*vide* discussão em OCKINGA, 1983, p. 92 – 93; BARBOTIN, 2012, p. 1 – 20) empregaremos

⁴ Este conceito também será explicado mais adiante.

uma *análise de conteúdo de caráter qualitativo*⁵, buscando através dela inferir tais discursos.

A seguir, explicaremos sucintamente o desenvolvimento da literatura egípcia, do Reino Antigo (2575 – 2134 a.C.) até o Reino Médio (2040 – 1640 a.C.), situando a fonte analisada neste contexto.

O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA E DA LITERATURA EGÍPCIA, DO REINO ANTIGO AO REINO MÉDIO

Antes de abordar *As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb*, um texto da literatura egípcia do Reino Médio, convém expor brevemente a relação entre os processos históricos vinculados ao poder no Egito do Reino Antigo até o Reino Médio e a complexificação da escrita, culminando nas formas literárias deste último período.

Inicialmente, é digno de nota que a escrita possui um papel na manutenção e imortalização da ideologia dominante, mesmo que os estímulos iniciais para a sua criação precedam o Estado (BAINES, 1988, p. 188). No Egito Antigo, entretanto, não há traços de seu surgimento antes da Unificação, na I Dinastia (2920 – 2575 a.C.).

O Egito “pré-dinástico” caracterizava-se por um Estado disperso, com pequenos centros urbanos, o restante dos egípcios se encontrando disseminados em assentamentos agrícolas (*ibid.*, p. 189). A invenção da escrita deve ser enxergada neste contexto de desenvolvimento de um Estado disperso, mas ainda unitário. Também deve ser levado em conta que os primeiros vestígios preservados deste código se encontram em vasos de cerâmica⁶, pertencentes com grande probabilidade à realeza (*ibid.*, p. 189), e que quase todos os contextos em que foram encontrados estes estados iniciais da escrita estavam ligados a ela (*ibid.*, p. 190 – 191).

⁵ Tal metodologia será explicitada quando analisarmos a fonte.

⁶ Embora Vernus (2011, p. 31 – 45), mais recentemente afirme que os *serekhs* sejam os mais antigos exemplos de proto-escrita egípcia, sendo mais tarde neles empregados os nomes dos reis egípcios. Os *serekhs* se constituem em uma fachada de um palácio ou templo, encimado por um falcão simbolizando o deus Hórus (muito embora haja exemplos antigos em que dois falcões encimavam a construção representada). Muitos dos *serekhs* mais primitivos foram encontrados em vasos de cerâmica, e pintados em madeira, sendo um símbolo somente utilizado pela realeza.

No Reino Antigo (c. 2575 – 2134 a.C.), a escrita se encontra restrita ao faraó e à nobreza, de tal forma que não havia oposição entre o domínio da escrita e o governo (*ibid.*, p. 191). Este aspecto esteve bastante atrelado ao controle extremamente centralizado do faraonato deste período, o que se reflete na sua utilização apenas nas tumbas do rei e das pessoas a ele mais próximas (*ibid.*, p. 192). Somente nas III e IV Dinastias é que os aspectos de registro sofrem uma transformação, passando a aparecer evidências de uso “informal” da escrita, como marcas em pedra e um óstraco com cálculos para um arco plano do complexo da pirâmide de Djoser (*ibid.*, p. 194). O elemento central para nós é que, durante estes períodos, o código hieroglífico era capaz de conter frases completas (*ibid.*, p. 194).

Ademais, o uso mais “avançado” da escrita era reservado aos monumentos religiosos, o que pode ser atestado nos Textos das Pirâmides – os primeiros registros escritos do pensamento religioso egípcio – entre o fim da V e VIII Dinastias (c. 2353 – 2150 a.C.). É digno de nota que a Egíptologia considera estes textos como o primeiro exemplo de literatura egípcia (FOSTER & FOSTER, 2008, p. 207), entendendo por “literatura” uma escrita de dimensão imaginativa e criativa, no que se inclui a poesia, a ficção e a crítica, por exemplo.

Gradualmente a autoridade central do Estado do Reino Antigo diminuiu a sua penetração nas províncias egípcias, sendo este um dos principais fatores para a fragmentação desta organização política que culminou no chamado Primeiro Período Intermediário (WILLEMS, 2010, p. 83). Isto gerou uma maior concentração do poder nestas elites provincianas, fracionando o poder monárquico centralizado no rei e em sua capital. Não há muitas fontes acerca de como ocorreu este processo, fora alguns poucos textos literários – como as *Admoestações de Ipu-uer* e os *Ensinamentos para o rei Meri-ka-ré* – e textos autobiográficos presentes nas tumbas do período, embora estes sejam muito tendenciosos.

Neste sentido, o Primeiro Período Intermediário (c. 2134 – 2040 a.C.) se caracterizou por uma acentuação anticentralizadora do poder iniciada muito antes, processo que foi acompanhado pela escrita (CARDOSO, 1998, p. 103), que neste período se tornou capaz de conter textos mais extensos, sendo mais difícil manter o seu controle

pelas elites (BAINES, 1988, p. 202). É a partir desta sua difusão que a literatura egípcia começa a se desenvolver de modo mais profícuo.

Em inícios do Primeiro Período Intermediário, nas áreas conquistadas pelos governantes tebanos – ou seja, do sul do Egito – não há vestígios da existência de nomarcas⁷ (*ibid.*, p. 84), classe de administradores regionais criada no Reino Antigo em substituição ao governo provincial. Os nomos vizinhos constantemente estavam em guerra, e a dissolução desta organização político-econômica pelo crescente Estado tebano criou um sistema administrativo central.

Quanto ao processo de unificação do Egito que culminou no Reino Médio não há muitas evidências. Há uma aceitação geral na Egiptologia de que este período se iniciou com Mentuhotep II (que reinou entre *c.* 2010 – 1998 a.C.), quando este uniu as metades tebana e heracleopolitana em que a terra do Nilo se encontrava dividida (WILLEMS, 2010, p. 86 – 87).

Entretanto, não há um consenso a respeito de como este faraó chegou a unir o Egito, muito embora alguns grafites na pedra de Hatnub deixadas por Nehri I – nomarca do nomo de Hare –, atestem condições de guerra no Médio Egito, permitindo pensar na hipótese de a tomada de poder pela dinastia tebana ter sido fruto de um golpe (*ibid.*, p. 88). Quanto à Mentuhotep II, seu protocolo real mudou duas vezes, e seu terceiro nome de Hórus (*semá táui*, smA tAwy), “Unificador das Duas Terras”, é enxergado como um manifesto político (*ibid.*, p. 87). A transferência de artesãos de Heracleópolis, no norte, para Tebas, no sul, interferiu no estilo artístico nesta última localidade. Tal esforço é enxergado como uma busca por uma tendência conciliatória entre as duas partes antes antagônicas do Egito (*ibid.*, p. 89). É válido salientar que, mesmo antes da Unificação, Mentuhotep II já punha em prática um vasto programa de construções, atividade ligada à propaganda de seu reinado.

Muito pouco se sabe sobre seus sucessores, Mentuhotep III e IV. Willems (2010, p. 89) atesta que inscrições datadas no reinado de Mentuhotep III indicam uma continuidade da política de construções de seu predecessor. A mesma escassez de fontes dificulta o entendimento do fim da XI Dinastia (2134 – 2040 a.C.): o grafite de Nehri em

⁷ Chefe do nomo. Esta, por conseguinte, é uma palavra de origem grega (em egípcio, *sepat*, spAt), e designava as unidades administrativas do Antigo Egito.

Hatnub, já mencionado, descreve uma guerra civil no Médio Egito durante o fim da XI e inícios da XII Dinastias. O que se tem conhecimento é que Amenemhat I chegou ao poder, sendo seu primeiro nome de Hórus (*sehetep ib táui*, sHtp ib tAwy), “Aquele que acalma o coração das Duas Terras”, uma provável indicação de turbulência no período.

Este faraó, o primeiro da XII Dinastia (1991 – 1783 a.C.), já no Reino Médio, também alterou o seu nome de Hórus durante seu reinado, desta vez para wHm nswt (*uhem nesut*) “Repetidor de Nascimentos”. Jan Assmann (2011, p. 19), considera a escolha deste nome uma verdadeira busca por legitimação do poderio do faraó no Reino Antigo, através do “Renascimento” da tradição faraônica desta época, perdida no Primeiro Período Intermediário. Este uso do passado, portanto, buscava legitimar o poder do novo faraó através de uma pretensa ligação com o período em que o faraonato se consolidou.

Além deste fator, a instituição faraônica era legitimada pela *ma'at*, sendo eminentemente garantida por ela. *Ma'at* constituía-se em uma noção de eterna ordem do mundo terreno e do Cosmos, sendo essencial para a vida (*ankh*, anx) e o funcionamento social do Egito Antigo em todas as suas esferas (SALES, 2015, p. 77). Tal ideia englobava o direito, a justiça e a religião, sendo garantida por toda a sociedade, e, em última instância, pelo faraó. Sua principal oponente era *isefet* (isft), que englobava todos os princípios a ela antagônicos (ASSMANN, 1989, p. 12; MENU, 2005, p. 8; 23).

A extraordinária difusão da escrita egípcia ocorrida em meados do Primeiro Período Intermediário, processo que acompanhou a sua maior capacidade de conter frases mais longas e complexas, fez com que a literatura egípcia passasse a não mais servir unicamente interesses práticos, como as demandas diárias, os cultos divinos e os escritos relacionados à pós-vida (MORENZ, 2003, p. 102). Como fruto deste processo, durante o Reino Médio floresceu uma literatura classificada pela Egíptologia como clássica, sendo até mesmo enxergada por alguns egiptólogos como o ápice da tradição egípcia (FOSTER & FOSTER, 2008, p. 209).

Como exemplo deste florescimento, novos gêneros⁸ surgiram na escrita egípcia, a exemplo da literatura didática e da instrução. Textos como *Instrução de Amenemhat I ao*

⁸ Para mais acerca dos gêneros da literatura egípcia *vide* ARAÚJO, 2000, p. 48 – 56. *Vide* ROSENVASSER, 1976, p. 7 – 46 para informações acerca das figuras de linguagem empregadas na literatura egípcia.

seu filho Senuseret e Ensinamentos para o rei Merikaré constituem exemplos destes gêneros, carregados de máximas e referências a acontecimentos que marcaram o Egito da época. A escrita egípcia, por outro lado, não deixou de se desenvolver para fins práticos: é durante o Reino Médio tardio que aparecem os primeiros *shabti* e escaravelhos-coração com fórmulas inscritas (QUIRKE, 2004, p. 12).

Um fenômeno interessante ocorrido na escrita do período é a mescla de gêneros literários para a criação de um novo. Como tal, as *Admoestações de Ipu-uer* e as *Profecias de Neferti*, por exemplo, possuem elementos das lamentações e dos textos proféticos, já existentes no Reino Antigo. Desta forma, os novos elementos ao mesmo tempo eram “velhos”, encontrando o perfeito equilíbrio entre a busca pela legitimação no passado, tão característica na sociedade egípcia, e a necessidade de inovação.

Por fim, é neste sentido que o texto *Lamentações de Kha-kheper-Ré-Seneb* se localiza na história política e da escrita egípcia. A razão da escolha deste texto foi seu tom negativo ao abordar a situação do Egito na época em que foi escrito, estando, portanto, cheio de referências implícitas à *ma'at*. Ao falar acerca de elementos contrários à ideia da *ma'at*, a fonte nos permite, a partir de uma análise *a contrario* destas menções pessimistas, chegar aos “discursos sobre a *ma'at*”. Tal termo foi cunhado por Jan Assmann, que os entende como não só um texto, mas como “toda uma família de textos que pertencem a um ‘universo de discurso’ comum, se tratando de tradições orais e escritas, de ‘tradições de textualização’”. (ASSMANN, 1989, p. 27).

Deste modo, buscaremos pelos “discursos sobre a *ma'at*” presentes na fonte através de uma análise de conteúdo de caráter qualitativo, a partir da perspectiva de L. Bardin (1977). A análise de conteúdo “fornece informações ao leitor crítico de uma mensagem para saber mais sobre [algum] texto (BARDIN, 1977, p. 133, acréscimo nosso). Deste modo, ela permite ao leitor um contato com o aspecto “latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem” (*ibid.*, p. 9). A modalidade *qualitativa* desta análise não busca por frequências de certo elemento no texto, privilegiando, por conseguinte, a **pertinência** destes. Ela “é válida, sobretudo, na elaboração de deduções específicas sobre um acontecimento, ou uma variável de inferência imprecisa, e não em inferências gerais” (*ibid.*, p. 115).

ANÁLISE DE CONTEÚDO DE CARÁTER QUALITATIVO – ELEMENTOS A CONTRÁRIO À MA'AT

Logo no início do papiro (*recto*, linhas 2 – 3), o sacerdote de Heliópolis Kha-Kheper-Ré-Seneb (xa-xpr-ra-snb), também chamado Ankhu (anxw) (linha 1) lamenta a falta de inovação na tradição egípcia:

Possa eu ter palavras desconhecidas,
frases estranhas com palavras novas que nunca tenham sido pronunciadas,
sem quaisquer repetições,
um discurso nunca transmitido de viva voz
proferido pelos antepassados.

O sacerdote, neste ponto, expõe o seu desejo por inovação, que, como já exposto, se caracteriza por algo inédito no pensamento egípcio (CHAPPAZ, 1979, p. 12). Até o final da linha 7, elucubra acerca da invalidez da tradição exposta através da escrita. A partir de então, informa ao leitor que transferirá ao seu coração (*ib*) a pesada carga em suas costas, falando de sua dor e sofrimento (1. 8). É neste ponto que ele inicia seu monólogo acerca da complicada situação em que se encontra o Egito, parte que nos interessa neste estudo:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, recto, 1. 10 – 12, grifos nossos:

ḏns I rnpt r snnwt.s
sh3 t3 ḥpr m ḥdī { .n.i }
[...]
rdi.tw m3ʿt rwty
isft m-ḥnw sh

Um ano é mais opressivo do que seu segundo.
A turbulência da terra aumenta a sua destruição.
[...]
***Ma'at* foi lançada fora;**
***Isefet* está no interior da sala do conselho.**

Neste trecho, há uma relação de equivalência entre o predomínio da opressão e da turbulência na terra do Egito com o fato da *ma'at* estar fora das fronteiras do país, e *isefet*

estar dentro delas, chegando até mesmo a influenciar as decisões tomadas nele, uma vez que se encontra na sala do conselho⁹.

Mais adiante no texto, Kha-Kheper-Ré-Seneb continua suas lamentações sobre o estado negativo em que então se encontrava o Egito:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, verso, 1. 1 – 4, grifos nossos:

ihw bs m min
 nhpw n sw3 drdrw
 hr-nbw gr hr.f
 hrt sf im p3 hrw
 hr sni rs n ʕš3
 hr dri
 nm ʕrk šs.f
 nn dnwd
 di.f r [...]
 h3t pw gr r sdmt

A miséria instalou-se no dia de hoje
 e pela manhã (ainda) não se foi embora.
Toda a gente está silenciosa quanto a isto.
 Os hábitos de ontem são como os de hoje porque
 transgrediram, de fato, muito. O rosto (dos homens)
 permanece imperturbável.
 Não há ninguém que compreenda uma sabedoria,
**nem nenhum homem (suficientemente) zangado para
 falar. [...]**
É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se ouve.

Kha-Kheper-Ré-Seneb associa o **silêncio** dos egípcios com a manutenção da desordem (*isefet*) na terra do Egito. As tradições egípcias ligadas ao bem encontram-se perdidas, havendo uma noção de conformidade com a situação caótica descrita (“*Não há ninguém que compreenda uma sabedoria, nem nenhum homem (suficientemente) zangado para falar*”). A continuação dos hábitos transgressores dos egípcios só prossegue em seu caminho, dia após dia, porque ninguém levanta a voz para protestar. O próprio

⁹ É digno de nota a intertextualidade existente entre este trecho e outro presente em *As Profecias de Neferti*, também datado no Reino Médio (*recto*, 1. 66, grifos nossos): “iw mAat r iit r st.s / isft dr sy r-rwty | **Ma’at regressará ao seu lugar / e isefet será atirada para a parte exterior**”. A similaridade entre as construções frasais é notável. Neste sentido, inferimos haver uma associação dos egípcios com *ma’at*, e dos estrangeiros com *isefet*. No mesmo caminho, *As Adomestações de Ipu-uer* (*recto*, 1. 54, grifos nossos) nos permite ir mais longe nestas associações: “iw-ms dSrt xt ta spAwt xBA / pDt rwty iyt.ti n kmt iw-ms spr [... ..] / nn ms wn rmT m st nb(t) | Na verdade, o **deserto** estende-se a todo o país, as províncias estão destruídas / **Os estrangeiros do exterior vêm para o Egito. Na verdade, [os estrangeiros] chegaram e, de fato, não há pessoas em nenhum lugar**”. A partir da comparação entre os três trechos, por fim, chegamos à conclusão de que os **estrangeiros** são associados à *isefet* e ao deserto (*deshret*, dSrt, também traduzível como “Terra Vermelha”), e os **egípcios** com *ma’at* e o Egito (*kemet*, kmt, também traduzível como “Terra Negra”, em oposição à terra vermelha do deserto). A presença destas similaridades em diferentes textos da época nos permite inferir a circulação de tais ideias nos círculos literatos egípcios, muito próximos do faraó e da nobreza.

sacerdote lamenta a dor que causa nele ficar em silêncio nesta situação, logo em seguida complementando:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, verso, 1. 4 – 5, grifos nossos:

ih pw wšb n hm

hsf hn hr shpr rkꜣ

n šsp.n ib mšꜣt

n whd.tw smi n mdt

mri nb ts.f

bw-nbw grg hr hꜣbb

btꜣ mtw mdt

Rejeitar um discurso provoca inimizade.

O coração (*ib*) não aceita a verdade (*ma'at*).

Ninguém é paciente com o relato da palavra.

Todo homem gosta do seu (próprio) discurso.

Cada um se estabelece sobre (a sua) desonestidade.

A retidão abandonou os discursos.

O coração (*ib*), a consciência dos egípcios, não aceita *ma'at*. Kha-Kheper-Ré-Seneb nos dá pistas de como isso ocorre: não há tolerância com o discurso diferente, que busca mostrar o erro, pois “*rejeitar um discurso provoca inimizade*”, “*ninguém é paciente com o relato da palavra*”. Cada um prefere escutar apenas o próprio discurso, se fechando para qualquer um alheio.

Inferimos então que a solidariedade social, ligada à ideia da *ma'at*, é associada à fala como ação, e como motivadora de ação na sociedade. O trecho exposto também nos permite inferir que a receptividade perante o discurso alheio, ou seja, o ato de *escutar*, tem de existir em equilíbrio com a fala para que *ma'at* prevaleça em relação à *isefet*. O excerto “*A retidão abandonou os discursos*” nos permite dizer que *ma'at* não estava presente nem sequer na fala dos egípcios, o que decerto tornava mais difícil realiza-la no plano concreto.

A cópia que chegou até nós finaliza-se com Kha-Kheper-Ré-Seneb dirigindo-se uma vez mais ao seu coração, denunciado o seu desespero em ser ouvido e compreendido:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, verso, 1. 4 – 5, grifos nossos¹⁰:

¹⁰ Tradução nossa de “Um coração agressivo não pode ser silenciado”.

dd.i n.k ib.i wšb.k n.n
n gr.n. ib pḥ
mk ḥrw b3k mi nb

Eu falo contigo, meu coração, possas tu responder-me!

Um coração agressivo não pode ser silenciado!

Olha, as necessidades do dependente são as mesmas das do senhor! É muita carga sobre ti!

Por fim, as análises realizadas nos permitiram entender que a ideia central referente à *ma'at* no texto em questão está ligada à exortação do egípcio comum frente à sua responsabilidade perante o equilíbrio terreno e Cósmico de sua sociedade. Ao fazê-lo, alerta-o do perigo de se negar a **falar** quando seu coração (*ib*), ou consciência, sente que tal equilíbrio está sendo quebrado – bem como os perigos do alheamento total frente a ouvir o outro, que pode sabiamente exortar acerca de qualquer desvio na ordem.

A associação implícita dos egípcios com *ma'at* e dos estrangeiros com *isefet* reforça este ponto de vista, uma vez que põe sobre os ombros dos primeiros a responsabilidade pela manutenção da *ma'at*, já que, de acordo com tal cosmovisão, ela só existe em função deles.

Tendo em vista facilitar a compreensão destes fatores, elaboramos o esquema a seguir. É válido salientar a via de mão dupla em que se constitui esta relação:

Fala ↔ **Ação (escutar / agir em favor de *ma'at*)** ↔ **Justiça / Verdade**

Logo, a responsabilidade em manter a *ma'at* no Egito deve ser constantemente reforçada através da fala e da escuta, amalgamadoras da sociedade egípcia, não estando somente nos ombros do faraó tal dever. Todos os egípcios têm um papel no equilíbrio cósmico e terreno da Terra Negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir das relações de intertextualidade d'*As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb* com outros textos literários egípcios do Reino Médio - a saber, *As Profecias de Neferti* e *As Admoestações de Ipu-uer* – notamos uma associação direta entre a *ma'at* com

os próprios egípcios, e *isefet* com os estrangeiros, enxergados como uma das causas das descritas calamidades que assolavam o Egito.

A outra causa está diretamente relacionada ao tom de denúncia do texto em relação à falta de solidariedade social dos egípcios, esta ligada ao **silêncio** (falta de ação) ao contrário da **fala/escuta** (ação). Ao não se pronunciarem quanto à desordem dominante no Egito, cada egípcio se tornava conivente com ela.

Logo, a noção da *ma'at* a ser transmitida pela elite letrada no texto está ligada principalmente à ideia de **ação através da fala/escuta**. Mediante a ênfase e repetição das consequências negativas da falta dela para toda a sociedade, se buscava resgatar a noção de solidariedade social perdida na memória cultural egípcia durante o Primeiro Período Intermediário.

Por fim, a escrita egípcia, cujo desenvolvimento se deu em razão de e na mesma medida do poder faraônico estabelecido no Reino Antigo, contribuiu no Reino Médio para a manutenção da ordem dominante através da exaltação da *ma'at*, noção estreitamente relacionada ao faraó enquanto pessoa e instituição. Deste modo, continuava a servir aos propósitos de uma elite letrada fortemente ligada à realeza, interferindo na memória cultural de um segmento político relevante no Egito faraônico da época. Em última instância, reforçava a participação social na manutenção de determinada *ordem* social e cósmica.

REFERÊNCIAS:

ALLEN, James P. **Middle Egyptian Literature: Eight Literary Works of Middle Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

ASSMANN, Jan. **Maât: l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale**. 3ª ed. Paris: MdV, 1989 [2010].

_____. **Religión y memoria cultural: diez estudios**. Tradução de Marcelo G. Burello e Karan Saban. Buenos Aires: Lilmod, 2008.

_____. **Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance and Political Imagination.** Tradução de David Henry Nilson. New York: Cambridge University Press, 2011.

BAINES, John. “Literacy, social organization, and the archaeological record: the case of early Egypt”. In: “GLEDHILL, J., BLENDER, B., LARSEN, M. T. (eds.). **State and Society: The Emergence and Development of Social Hierarchy and Political Centralization.** London e New York: Routledge, 1988, p. 187 – 208.

BARBOTIN, Christophe. “Le Dialogue de Khâkheperrêseneb avec son *Ba*, tablete British Museum EA 5645/Ostrakon Caire JE 50249 + Papyri Amherst III & Berlin 3024”. In: **Revue d’Égyptologie – RdE**, v. 63. Paris, 2012, p. 1 – 20.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANHÃO, Telo Ferreira. **Doze Textos Egípcios do Império Médio:** traduções integrais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

_____. **Textos da Literatura Egípcia do Império Médio:** textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas. Lisboa: Montra – Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. “Escrita, sistema canônico e literatura no Antigo Egito”. In: BAKOS, M. M.; POZZER, K. M. P. (orgs.). **III Jornada de Estudos do Oriente Antigo: línguas, escritas e imaginários.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 95 – 144.

CHAPPAZ, Jean-Luc. “Un manifeste littéraire du Moyen Empire. Les lamentations de Kha-Kheper-Re-Seneb”. In: **Bulletin de la Société d’Égyptologie – Genève 2 – BSEG**, Genève: 1979, p. 3 – 12.

FOSTER, John L. **Ancient Egyptian Literature: An Anthology.** Austin: University of Texas Press, 2002.

FOSTER, John L.; FOSTER Ann L. “Ancient Egyptian Literature”. In: WILKINSON, Richard H. (org.). **Egyptology Today**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 206 – 229.

GARDINER, Alan H. **The Admonitions of an egyptian sage**, from a hieratic papyrus in Leiden (Pap. Leiden 344 recto). Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1969, p. 95 – 112.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Does Egyptology needs a ‘Theory of Literature?’”. In: LOPRIENO, Antonio (ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms - AEL**. Leiden, New York e Köln: E. J. Brill, 1996, p. 3 – 21.

KADISH, Gerald E. “British Museum Writing Board 5645: the complaints of Kha-Kheper-Ré’-Senebu”. In: **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 59, 1973, p. 77 – 90.

LOPRIENO, Antonio. “Defining Egyptian literature: ancient texts and modern theories.” In: LOPRIENO, Antonio (ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms – AEL**. Leiden, New York e Köln: E. J. Brill, 1996, p. 39 – 58.

MENU, Bernardette. **Maât: l’ordre juste du monde**. Paris: Michalon, 2005.

MORENZ, Ludwig D. “Literature as a Construction of the Past”. In: TAIT, John. **‘Never had the Like Occurred’: Egypt’s view of its past**. London: UCL Press, 2003, p. 101 – 117.

OCKINGA, Boyo G. “The Burden of Kha’Kheperre’sonbu”. In: **The Journal of Egyptian Archaeology – JEA**, v. 69, 1983, p. 88 – 95.

PARKINSON, Richard B. “Khakheperreseneb and traditional belles lettres”. In: MANUELIAN, Peter der (ed.). **Studies in honor of William Kelly Simpson**, v. 2. Boston: Museum of Fine Arts, 1996, p. 647 – 654.

_____. “The Text of *Khakheperreseneb*: new readings of EA 5645, and an unpublished ostrakon”. In: **The Journal of Egyptian Archaeology - JEA**, v. 83, 1997, p. 55 – 68.

QUIRKE, Stephen. **Egyptian Literature 1800 BC: questions and readings**. London: Golden House Publication Egyptology 2, 2004.

ROSENVASSER, Abraham. “Introducción a la literatura egípcia: las formas literárias (con un apéndice)”. In: ROSENVASSER, Abraham (dir.). **Revista del Instituto de Historia Antigua Oriental**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1976, p. 7 – 105.

SALES, José das Candeias. **Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto**. Lisboa: Chiado, 2015.

VERNUS, Pascal. **Future at Issue. Tense, Mood and Aspect in Middle Egyptian: studies in Syntax and Semantics**. New Haven: Yale Egyptological Seminar, Department of Near Eastern Languages and Civilizations, 1990.

_____. “Naissance des hiéroglyphes et affirmation iconique du pouvoir: l’emblème du palais dans la genèse de l’écriture”. In: VERNUS, Pascal (org.). **Les Premières Cités et la Naissance de l’Écriture**. Paris: Actes Sud/Alphabets, 2011, p. 27 – 58.

WILLEMS, Harco. “The First Intermediate Period and the Middle Kingdom”. In: LLOYD, Allan B. (org.). **A Companion to Ancient Egypt**. Vol. II. Oxford: Blackwell, 2010, p. 81 – 101.